

anxa
91-B
6871



Digitized by the Internet Archive
in 2015

<https://archive.org/details/ascapellasperf00vasc>

AS
CAPELLAS IMPERFEITAS

E
A LENDA DAS DEVISAS GREGAS

POR

Carolina Michaëlis de Vasconcellos



Porto

MDCCCCV

AS CAPELLAS IMPERFEITAS

E

A LENDA DAS DEVISAS GREGAS

Em obras portuguesas, quer quatrocentistas, quer pertencentes á epoca aurea da literatura, encontramos a miudo referencias ás devisas de D. João I, D. Felipa de Lencastre e toda a inclita geração dos Infantes seus filhos—devisas que se conservam insculpidas na muito perfeita Capella do Fundador: *Il me plait* (D. João I)—*Por bien* (D. Felipa)—*Desir* (D. Pedro)—*Talant de bien fere* (D. Henrique)—*Jeay bien reson* (D. João)—*Le bien me plet* (D. Fernando). ¹

Redigidas, segundo o estilo da idade-media, no idioma que desde o seculo XII fôra a linguagem internacional das côrtes, todas essas *letras*, inspiradas pelo mesmo nobre espirito cavalheiresco e pela mesma aspiração á virtude e ao summo bem, são de uma singeleza e transparencia encantadoras, e nunca suscitaram duvidas ou discussões. ²

Com as Capellas Imperfeitas, muito impropriamente chamadas *Mausoleo de D. Manuel* por alguns inscientes modernos, não acontece o mesmo. Não me consta que qualquer dos numerosos pregoeiros quinhentistas da fama e fortuna do Rei Venturoso se tenha referido ás empresas ou inscripções emblemáticas, entalhadas com insistencia provocadora em quatro dos sete cordões que contornam o altivo portico da entrada, erigido nesse reinado, durante o qual se fizeram tambem as portas do atrio, marcadas com a data 1509.

O primeiro que, depois de um estudo demorado, tratou extensamente d'esses "hieroglyphos egypcios," ou "oraculos sibyllinos," tomou a palavra um seculo depois da morte do monarca ³, quando já não existia pessoa capaz, não direi de saber de sciencia certa, mas de pelo menos ter alcançado por tradição, como foi que os mestres que dirigiam as obras de 1495 a 1521 e os officiaes que então lavraram o fino calcário da Batalha haviam interpretado o lemma *tāyas erey*, com o qual cobriram, de alto a baixo, quatro dos cordões externos da portada.

Segundo o erudito frade, os inquilinos mais idosos por elle consul-

¹ Posso citar ainda: *Paine pour ioie* (Condestavel D. Pedro + 1467)—*Lardant desir* (Gonçalo Gomes da Silva + 1424)—*Oblie! Oblie!* (João Gomes da Silva + 1444).

² Sômente o mote do Infante D. João exige que adivinhemos o seu complemento, que podia ser *si je me plains*, mas tambem *si je suis gai*.

³ Frei Luis de Sousa, entre 1619 e 1623. Vid. *Hist. de S. Domingos*, Livro XII, Cap. XIII a XXXIX. Especialmente o XIX.^o

tados nem mesmo liam bem o gothico minuscuro, dizendo *Tangas e Rey*, sem interpretação alguma. Pessoa de fóra, de grande juizo e vasto saber, não achando aos dois vocabulos conformidade com a lingua patria, nem com as mais vulgares da Europa, opinava, porém, que, lidas *tanyas erey*, eram... gregas, significando: *buscai! inquiri novas regiões e climas!*—como se o Altissimo fallasse a D. Manuel, animando-o a não desistir dos seus valorosos pensamentos: “porque *tanyas* he accusativo do nome grego *tanya* que he o mesmo que *região*, e *erey* he o imperativo do verbo *ereo* cuja significação he *buscar, inquirir, investigar.*” E persuadiu-o d’isso.

Contemporaneos e posteros acolheram com applausos esta curiosa interpretação e juraram *in verba magistri*, sem a submeterem a exame critico. Faria e Sousa, propagador-mór de quantas fábulas phantasticas, fingidas, mentirosas, ha na historia portugueza, repetiu a these,⁴ modificando os pormenores arbitrariamente, sem mesmo mencionar o facundo dominicano. Frei Fortunato de S. Boaventura, pelo contrario, louva-o, adopta seu parecer,⁵ e adverte que *tāyas erey*—por elle transposto em caracteres gregos que dizem *tamias erei!*⁶—era allusivo ao que naquelles tempos “dava mais que entender aos Portugueses, a saber: o descobrimento de novas terras e novos mares.” Em seguida promette uma *Memoria* especial para quando discutisse a etymologia do nome *Lusitania*.⁷ O bispo-conde Frei Francisco de S. Luiz concorda igualmente.⁸ Convencido da boa atticidade das duas palavras, chama-as indubitavelmente gregas e allusivas ao empenho “de indagar novos e remotos paizes.” Modernamente o Visconde de Condeixa, propensíssimo a explicações metaphysicas, quer convencer o leitor de que Frei Luis de Sousa sabia coisas muito mais profundas do que dizia, mas callava-se por não se achar auctorizado a desatar um nó gordio urdido por um rei.” E imita essa discreção!

Entre os estrangeiros notaveis, o architecto inglês Murphy (1795) communica em versão um tanto livre a exegese do historiador de S. Domingos, não sei se jurando na sua excellencia, ou com certa reserva irónica. O allemão Haupt, que certamente havia procurado debalde nos dictionarios tanto o verbo *ereo* como o substantivo *tanya* (ou *tania*, conforme quer Frei Luis de Sousa, inculcando os canteiros de haverem substituido *i* por *y*) falla de grego “corrupto.”

* * *

Apesar d’essas adhesões e d’essa harmonia nunca perturbada, regeitei como inconsistente e absurda a these grega, logo que a minha attenção foi chamada em 1877 para o curioso problema, na certeza de que nunca houve, nem ha, nem ha de haver hellenistas dignos de fé que a adoptem e patrocinem.⁹

⁴ Antes de 1649, na sua *Europa II* p. 525.

⁵ Na *Memoria Do começo, progressos e decadencia da Litteratura grega em Portugal*, impressa em 1823 no vol. VIII Parte 2.^a de *Historia e Memorias da Academia*.

⁶ Vid. p. 6 da *Memoria* citada.

⁷ Dos indícios concluo que tencionava identificar o *tanyas* da devisa, com as ultimas syllabas do nome *Lusi-tania*, no qual talvez julgasse reconhecer: *regiões de Luso!*

⁸ Em *Historia e Memorias da Academia* vol. X, Parte 1.^a p. 190 (1827).

⁹ Bastará dizer que a critica allemã sentenciou no meu sentido, não só muito antes de Haupt, pela boca do benemerito traductor e biographo de Camões (Vid. Storck, *Leben* § 97), mas tambem pela de Emilio Hübner, o grande epigrafista.

Eis as minhas razões, philologicas, estheticas e geraes.

1) Na lingua de Homero não existiu nem existe o tal substantivo *tanyas* (acc. pl. de *tanya*) ou *tánias*, nem tão pouco o imperativo *erey* ou *erei*, comquanto existam, naturalmente, reconheciveis tanto pelo som como pelo sentido, as duas *raizes* que Frei Luis e o seu informador tinham em mente.¹⁰

2) Uma devisa grega que não fosse mero treslado de axiomas muito citados como Ἦνῶθι σεαυτόν (*Nosce te ipsum*) ou Μηδὲν ἔργαν (*Ne quid nimis*), só podia ser da lavra dos mais cultos entre os conselheiros da coroa, émulos do subtil Antonio de Lebrija, que havia inventado para os Reis Catholicos o symbolo das *cogundas* e *settas*, e o *Tanto monta*—em bom castelhano, como se vê. Attribuir a um Cataldo Siculo, a D. João Manoel, a Luis Teixeira, ou por ventura a João Rodriguez de Sá e Menezes, um grego espúrio, mascavadíssimo, seria injuriá-los a elles e ao monarca.¹¹

3) Escrever em gothico minusculo uma devisa grega, em obediencia ao desejo estrambotico de espantar o publico pelo exotismo da novidade, seria o cumulo da incoherencia, tanto mais que, para canteiros alphetos, tão gregos eram e são os caracteres gothicos como os hellenicos!

4) Embora no tempo de D. Manoel e do antecessor immediato o saber clássico já fosse altamente cotado, desde que sabios como Angelo Policiano (1489) e Lebrija haviam doutrinado lá fóra (em Florença e Alcalá) alguns fidalgos estudiosos, como os que citei, o enthusiasmo humanista, provocado pelo esplendor da Renascença, não attingiu o seu auge em Portugal senão no reinado de D. João III.¹²

Em especial, o estudo do grego, iniciado mesmo lá fóra só após a tomada de Constantinopla pelos turcos, não se propagou a esta ultima Thule senão depois de Aires Barbosa haver sido chamado (entre

¹⁰ Penso, de um lado, nos verbos τένυω τενύσσει; τείνω τείνεται *extender-se* e no adj. τέναν *extenso*; pelo outro lado, em ἐρωτάω *preguntar, procurar, investigar*.

¹¹ Urge dizer que Luis Teixeira, discipulo de Angelo Policiano e conhecido do grande Erasmo, é o unico entre estes quatro supostos hellenistas, do qual consta, por testemunhos fidedignos, que realmente estudou grego.

¹² Quando Mestre André de Rêsende—de regresso de Alcalá, Salamanca, Paris, Lovania, Bolonha—foi chamado de Evora, expressamente, por ser um abalizado hellenista, e recitou e imprimiu em Lisboa no anno de 1534 a sua bella Oração de Sapiencia, toda ella destinada a impellir os professores e os estudantes ao estudo do grego, soube tecer louvores apenas a dois hellenistas portuguezes, já fallecidos, (i. é ao supra citado Luis Teixeira e a Aires Barbosa) e a um vivo, o Bispo de Viseu D. Miguel da Silva. Mas entre os impressores da capital ainda nenhum possuia typos gregos (!) de sorte que o antiquario teve de inscrever, nas officinas de Galharde, com o seu proprio punho, todos os vocabulos e todos os trechos gregos que havia intercalado na sua mascula dicção latina. Faz parte da nossa livraria um exemplar da rarissima edição do citado discurso (*Oratio pro rostris, Olisipone, in Officina Germani Galliardi Galli, Mense Octobris MDXXXIII, 13 fl.*, caracteres gothicos), em cujas notas manuscritas, latinas e gregas, reconheço a clara e distincta calligraphia do erudito eborense.—Em Coimbra, no Mosteiro de S. Cruz, parece que já havia anteriormente, desde 1528, na typographia dos Conegos Regrantes, bellos typos gregos. Um dictionario grego e hebraico de Frei Heliodoro de Paiva—que nunca vi—é, segundo se diz, do anno 1532. A obra litteraria mais antiga em que com os meus proprios olhos os vi aproveitados, é o preciosissimo livrinho de Aires Barbosa: *ARII BARVOSAE | Lusitani Antimoria | Eiusdem nonnulla. Epigrammata | CONIMBRIAE | Apud Coenobium diuiae Crucis | MDXXXVI*. Tambem esta faz parte da nossa bibliotheca.

1520 e 1526) de Salamanca pelo successor de D. Manoel, para ser mestre dos infantes mais novos.¹³

5) Mas presumindo mesmo que o conhecimento, não digo da civilização, mas da lingua grega, fosse no fim do seculo XV, e principios do XVI, prenda menos rara em Portugal do que supponho¹⁴—nem por isso se torna provavel a redacção de *letras* na lingua de Homero.

Em parte alguma da Europa era praxe. Nem mesmo em coisas intimas e pessoas como escudos, cimeiras, armas, brasões, timbres, sellos, sinetes, medalhas. Muito menos em objectos e lugares publicos, patentes a toda a nação, e destinados a n'ella actuarem. Um especialista francês apontava no meado do sec. XVII entre tres mil devisas de franceses illustres apenas tres gregas;¹⁵ Paolo Giovio¹⁶ só conhecera duas. Não chegam a duas duzias as que laboriosamente colligi.¹⁷ A lingua materna de cada um, e além d'ella o latim e francês, são os unicos idiomas empregados.

6) E' inverosimil que D. Manoel—ramo novo da dynastia—quisesse eternizar na Batalha, que elle não fundara e que relemora o triumpho sobre Castella, o seu amor ás empresas do Ultramar, mesmo se durante algum tempo nutriu o plano de lá ter o seu jazigo.—Inverosimil que para impellir o seu povo a novas façanhas... lhe fallasse em grego! Nem antes, nem depois da fabrica de Belém.¹⁸

7) Pela forma e pelo espirito, a ordem imperativa *Buscai regiões* (ou antes *Busca regiões*), quer dada pelo Omnipotente ao monarca, (incumbido pelas ultimas vontades dos antecessores de continuar e terminar a obra das Capellas Imperfeitas, começada entre 1433 e 1438 por seu avô) quer dirigida por esse continuador ao seu povo, não corresponde bem ás leis da *Emblematica*, estabelecidas por italianos e franceses.¹⁹

* * *

Mas nesse caso, o que são e que querem dizer os dez ou onze caracteres gothicos, insculpidos “infinitas,” vezes no pórtico das Capellas Imperfeitas?

Em primeiro lugar devo declarar que contando uma a uma as repe-

¹³ D. Affonso, Infante-Cardenal, D. Duarte e D. Henrique.—Se realmente o proprio D. João III havia experimentado, quando príncipe, nas lições de Luis Teixeira que esforço combinado de intelligencia, paciencia e trabalho é preciso para chegar a ser mestre em ambas as linguas, isso não infirma, antes confirma o meu modo de ver. Julgo todavia que a elle, como a D. Luis e D. Fernando, ensinaram apenas rudimentos de latim, e que D. Manuel tambem era leigo em lingua grega.

¹⁴ Mais abaixo contarei que as significações do pitagorico *γ* (que Frei Luis de Sousa trouxe á baila para explicar a inscripção cifrada de uma das portas do atrio) não eram desconhecidas ao culto Camareiro-mór do monarca.

¹⁵ Fallo do P.^e Menestrier (S. J.) e das familias Montmorency, Chandié, Maillans.

¹⁶ *Ragionamento sulle Imprese di Monsignor Paolo Giovio, ovvero Dialogo sopra i Motti e Disegni d'arme e d'amore che comunemente chiamano Imprese* (1555), reprodução de Milano, 1863.

¹⁷ Nenhuma provém de peninsulares. Quanto a inscripções simplesmente epigraphicas, conheço *de visu* uma em todo Portugal. E essa é de 1565. Outra ha no Alemtejo.

¹⁸ E' natural que em capellas destinadas aos *reis que jazem no mosteiro da Batalha desno tempo del Rei D. Duarte até o seu* (de D. Manoel)—como expressamente diz o chronista Danião de Goes (Parte IV. c. 85),—o neto do *princiador* (D. Duarte) d'essas obras, tivesse o seu lugar marcado, e que mesmo depois da sua entronização D. Manuel não desistisse logo do plano de lá ter o seu jazigo.

¹⁹ Essas leis foram reproduzidas em Portugal, embora tardiamente, pelo auctor dos *Quatro Dialogos sobre a Pintura*.

tições entalhadas nos quatro cordões, encontrei duzentas e quatro, com mais tres no fecho da abobada de uma das sete capellinhas que constituem a rotunda oitavada.²⁰

E logo depois assentarei que, sem duvida alguma, os canteiros analphabetos da Batalha não haviam percebido bem as explicações que lhes foram dadas pelo mestre das obras, nem copiaram a rigor os modelos que lhes foram entregues,—*fosse qual fosse o seu teor e a sua significação*,—visto não haver lingua europeia em que *tanyas erey* ou *tanya serey* dê sentido.

Examinando as empresas de perto, vê-se que em todas as tarjetas temos sempre, lindamente cinzeladas, bastas ramagens de *heras* (folhas, e corymbos de flores) cujas hastes formam dois círculos entrelaçados. E todas as vezes a legenda está repartida em duas metades. Mas essas não são sempre iguaes.²¹

A segunda ora diz *erey*, ora ... *ferey*. Em 98 circulos lê-se *erey*; em 106, *ferey*. Tal maioria, embora pequena, autoriza-nos a preferir esta lição, comquanto até hoje ninguem a considerasse digna de reparo. *Erey* não dá sentido; e *rey* não combina com *tanyas*. *Serey*, pelo contrario, é português castiço! E a primeira pessoa do futuro do verbo *ser* serve na perfeição para qualquer promessa, votada pelo inventor da *Empresa* perante a propria consciencia e perante o mundo inteiro. Comparem os Motes: *Je maintiendrai—Je parviendrai—Je le ferai—Je percerai—Superabo—Tuebor—Defendam*—todos elles votos de perseverança e firmeza, num empreendimento especial ou em todos os actos essenciaes da vida.

Resta explicar a primeira metade: o *nome* em que deve residir o sentido principal.

Ella começa sempre com as letras *tã=tan*, mas acaba ora com *a*, ora com *af*—inexactidão que se explica pelo contacto immediato com *ferey*: *tãya ferey* ou *tãyaf erey*. No meio é que está o busilis e o erro mais grave e perturbador, commettido pelos officiaes. Estragando a devisa e dificultando a sua comprehensão, talvez—quem sabe?—desgostass em D. Manoel tão profundamente que o erro inhibiu o acabamento da obra, a que já não ligava interesse muito vivo desde a inauguração da fabrica de Belém. *Kleine Ursachen, Grosse Wirkungen*.²²

O que eu lá vejo entre *tã* e *af*, lido *g* pelos frades velhos da Batalha e *y* por Frei Luis de Sousa, é (em quatro typos um tanto variados)²³ o mesmo signal que figura em *erey ferey*. Esse, pode realmente ser um *y*-grego estilizado; sei mesmo apontar alguns *yy* semelhantes em moedas da epoca.²⁴ Mas tambem pode ser a parte figurativa da empresa. Imagem de um instrumento vulgar, utilizado nas

²⁰ Fallo da que fica fronteira á entrada e ostenta, além da devisa, a Esphera de D. Manoel com a inscripção *Spera in Domino* (ou antes *Espere in domini*) e a Cruz de Christo com a inscripção *In hoc signo vinces*.

²¹ Uma vez as duas metades estão invertidas dizendo *erey tanyas*. Em cinco tarjetas falta a legenda inteira.

²² De ha muito tencionava publicar uma *plquette* com desenhos preciosos, feitos em 1891, para este fim, pelo Snr. Professor A. Augusto Gonçalves, Director da Escola Industrial de Coimbra. São fidelissimos.—Esses desenhos e alguns decalcos, feitos por meu marido *in loco*, sobre as proprias tarjetas, serão publicados na tiragem especial d'este pequeno estudo.

²³ Dois apresentam uma tenaz aberta, com ambas as pontas de baixo á vista; e dois, uma tenaz fechada, de modo que uma ponta cobre a outra.

²⁴ Tanto portuguesas (v. Teixeira de Aragão) como hespanholas (v. Lafuente). Sou porém de opinião que esses "*yy* coroados," (como diz Aragão) são representantes do nome *Johannes* (*João*), e portanto dois *JJ* desencontrados.

indústrias populares: a *tenaz* ou *tanaz* (como antigamente dizia a nação inteira, e hoje ainda pronuncia o vulgo), ²⁵ composta de duas peças de ferro, mais ou menos recurvas e unidas por um eixo. ²⁶ *Tanaz*, não no feitio de um oito, aberto encima e em baixo, mas na forma mais arcaica de *y*-grego, a qual apparece em outras esculpturas e em quadros, e subsiste até o dia de hoje em diversas regiões (p. ex. na Maia e em Bragança).

Na orthographia caotica dos quinhentistas *tāaf* equivale a *tanaz*. A figura emblematica mettida entre as duas syllabas, diz tambem *tanaz*. Por isso leio *tanaz ferey*.

Os artifices deveriam ter destacado a figura emblematica claramente das letras, quer pondo a tenaz no circulo superior e *ferey* no inferior, quer (se a leitura prevista era *tan tanaz ferey*) *tā* no de cima, a *tenaz* no oval formado pelo cruzamento das coroas de hera, e *ferey* no de baixo. Mal instruidos e mal vigiados pelo mestre velho, occupado por ventura em outras fabricas de D. Manuel, o Edificador, elles confundiram e baralharam na sua ignorancia os caracteres dos vocabulos e os desenhos das tenazes, executando imperfeitamente a ordem de collocar a figura no meio das heras. ²⁷ Na sua representação inexacta lê-se *tan (tanaz) af ferei*.

Rectificada, a devisa *tanaz ferey* satisfaz em todos os sentidos. Creio que não lhe teriam regateado os epithetos de “delicada e escolhida, curta e justa,” os que no seculo XVI se occuparam da *Emblematica*, essa parte mais interessante e poetica da Heraldica. ²⁸ Composta dos dois elementos que constituem a empresa perfeita—*corpo* e *alma*, figura e letra—²⁹ ella apresenta-as combinadas, de sorte que uma não seja completa sem a outra. A parte figurada é pouca na obra e facil de fazer, comquanto difficil de achar. A legenda, laconica, discreta e reservada, pois não divulga, qual o assunto principal da tenacidade prometida, é ao mesmo tempo escura, bizarra e enigmatica, ³⁰ embora redigida na lingua da patria! O “entendimento geral,” esse então combina admiravelmente com o emblema envolvente das *heras*, symbolo inequivoco da constancia, fidelidade, firmeza, ambição e *tenacidade*. Além d’isso é muito conforme á propriedade da pessoa. ³¹ Quinte essencia reflectida da somma de intenções ethicas (ou de moralidade) a que um

²⁵ *Tenaz tanaz* do lat. *tenace*, de *tenax* que deriva de *tenere*: (cfr. a por e em *antão antre amparar lançoila trança* etc.). Os italianos tem *tanaglia* de *tenacula* (cfr. *tenaille*), os sardos *tanaxi*, os malhorquinos *estanayas*; os gallegos empregam *tanascada*, *tanascadura* por *mordedella*, e *tanisco* por *mordizco pellizco*; o povo port., *atanazar* por *agarrar*.

²⁶ Por causa d’esta construcção geminada, a *tenaz*, irmã da *tesoira* ou das *tesoiras*, é denominada tambem as *tenazes* (respectivamente *atanazes*, *tanazias*, *atanazias*. Cfr. hesp. *tenazas*).

²⁷ Lamento que nem uma só vez esculpisse pelo menos *tāaf ferey*!

²⁸ Motes e devisas, como legenda de empresas e invenções, são sentenças breves, muita vez sublimadas, nas quaes principes, magnates e fidalgos que constituíam a camada social mais elevada, davam a replica á sabedoria vetusta e commun do povo, expressa nos proverbios, dictados, anexins, em adagios geralmente rimados e chãos dos *Refranceiros*, os quaes ora são de uma simplicidade admiravel, ora grosseiros, ora muito banaes.

²⁹ Ha empresas só de letras; outras, só de figuras; outras de letras e figuras combinadas; e estas são as mais louvadas.

³⁰ A letra pode ser: heroica, sentenciosa, equivocca, enigmatica, cifrada, e pode acompanhar a figura, explicando-a, ou formar juntamente com ella uma especie de charada ou *rebus*. Tudo isto era doutrina corrente no sec. XVI.

³¹ *Hera*, de *hedera*, da raiz indogermanica *hed*, que significa *agarrar*, *segurar* e subsiste no lat. *pre-hend-ere*.

individuo chegou pelas experiencias da sua vida, foi escolhida por isso mesmo para como maxima guiar de ahi em diante todos os seus actos. *Non è molto stabile nelle sue cose, e molte volte si muta di proposito*, dissera de D. Manoel um embaixador veneziano. O dynasta precisava, portanto, de se ligar e de estimular a si proprio por votos solemnes, para que as suas forças de volição não se esvaissem antes de tempo. ³²

Se referirmos o voto á realização dos magnos empreendimentos marítimos, iniciados pela dynastia joannina, e em especial pelo avô adoptivo de D. Manuel, o Infante Navegador, é de presumir que fosse pronunciado logo no principio do reinado, antes da expedição de Vasco da Gama. Se o applicarmos exclusivamente á fabrica das Capellas Imperfeitas, podíamos imaginar que veio á luz, em geração espontânea, por ensejo da tresladação de D. João II. Ou talvez depois do regresso feliz de Vasco da Gama, quando a obra dos Jeronymos já estava decidida e começada — no momento em que um leal servidor, bemquisto, e com o direito de fallar franco, enunciava duvidas sobre a possibilidade de seu amo e senhor levar simultaneamente a cabo a construcção da igreja de Belém, a da Batalha e tantas outras que encomendára. Apontando para *heras* que robustas e viçosas haviam coberto os muros do mosteiro, trepando até ao corucheo da cegonha, o monarca replicaria: *Descanse! hei de ser tanaz, tanaz como aquellas heras que não mais largam o que uma vez agarraram!* E o leal e sagaz cortesão — supponhamos que fosse D. João Manoel, filho da sua ama, e seu camareiro-mór, por este ser bom latinista e ter aproveitado com arte e engenho o *pitagorico* y em uma das suas poesias, ³³ — replicaria: *"Pois faça V. S. voto de tenacidade naquellas pedras que vão ser apparelhadas para o portico da entrada e nas outras destinadas a fechar os jazigos dos reis!"* E citando de improviso o *hedera sequax* do poeta Persio, o *tenax hedera* de Catullo, e motes afamados como: *Je meurs où je m'attache* — *Et arida tecum*, traçaria ou mandaria traçar pelo mestre de obras em qualquer taboa o esboço da *Empresa da Tanaz*, insistindo em que a devisa havia de encher o portico de alto a baixo, tal qual o *Tanto monta* com as *coyundas* e *settas* dos Reis Catholicos enchia e enche o patio do collegio de S. Gregorio em Valhadolid.

* * *

Uma fábula, em lugar de uma demonstração? Bem o sei. Mas não se esqueçam de que opponho hypotheses *fundadas*, a hypotheses *infundadas*, e emendas e interpretações acreditaveis a emendas impossiveis.

Quem, apesar de tudo quanto deixo dicto, duvidar da legitimidade de assim lermos motes de principes como se fossem charadas ou *rebus*

³² Se a invenção fosse porventura obra del Rei D. Duarte, tambem não lhe quadrava mal, visto como este avô de D. Manoel era um tanto frouxo e indeterminado. — A escrita e pronuncia *tãaz* (com z, e não com o *ſ* que lá está) poderia ser invocada a favor d'essa hypothese, se houvesse que fiar em orthographias portuguezas. E tambem o facto de o Mote e desenho respectivo se encontrar algumas vezes nos fechos das laçarias artesoadas da abobeda do claustro, chamado de D. Affonso V, circumstancia em que ninguem reparou até hoje.

³³ *Canc. Geral* I p. 425. Elle morreu nôvel, antes dos trinta, no anno 1499. — Justa Rodriguez, sua mãe, parece ter sido dama illustrada, se for licito interpretar assim a carta latina que lhe foi dirigida por Cataldo Siculo por occasião do fallecimento de seu bom e intelligente primogenito. Collaço de D. Manoel era o mais novo, D. Nuno Manoel.

pueris, lembre-se da antiquíssima devisa de Sevilha. Dom Affonso, o Sábio, honrou essa unica cidade que nas guerras civis lhe ficára fiel, com o titulo de *muy noble y muy leal* e com a significativa empresa da *Madeixa*, ou do *Nodo*. Uma madeixa, em figura de 8 fechado, está collocada entre os monosyllabos *No do*, hieroglypho emblematico que se traduz: *No m'a dexado—Sevilha não me abandonou!* ³⁴

Nem faça sombra que D. Manoel havia usado antes de 1495 e continuou sempre a usar da bellissima devisa ambígua da *Espera*, symbolo do astrolabio e ao mesmo tempo nome da Esperança, e ainda imperativo do verbo *esperar*. Mais de um principe escolheu lemma novo para empresas novas. Felipe, o Bom, de Borgonha adoptou *Autruí n'auray*, no dia em que se consorciou com D. Isabel de Portugal. O Infante D. Henrique juntou as iniciaes I. D. A. com que costumava assignar, no vocabulo *Ida* quando na côrte se ventilou a ideia da expedição de Ceuta. D. João I levava inscripto no seu estandarte a exclamação *En bon point!* na jornada de Aljubarrota; D. Sebastião, na infausta de Alcacer-Quebir, as palavras *Amor, fé, amor*. ³⁵ O filho do grande Alfonso de Napoles ostentava em outra batalha, *tres diademas* e o vocabulo *valer*, para que a soldadesca lesse: *dia de mas valer*.

Quer-me parecer que o principe prudente e providente que *esperou* até ter alcançado os seus fins mais ambicionados, subindo ao throno e realizando o descobrimento do caminho da India, teria tido muitissima razão em querer *perseverar* em todas as demais empresas iniciadas pelos ascendentes. ³⁶ E tambem me parece que *Tanaz ferey* é um bello complemento de *Espera*, e que ambas são d'aquellas empresas *boas de matar* (no dizer de Francisco de Hollanda) que enchem a medida, tocam nas estrellas e se erguem como aguias sobre as outras.

Ao sentido inequivoco e muito humano da *tanaz* foi, de resto, dada forma poetica por mais de um vate. ³⁷ Citemos o cantor dos *Lusiadas* que tambem prometteu

..... mas eu firme estarei
no que emprendi

(Ode XII, verso 78)

..... pois é fraqueza
desistir-se da cousa começada.

(*Lusiadas* I, 40)

Cruel ironia da sorte foi que o voto de perseverança, feito por D. Manuel, em português arcaico e castiço, não fosse cumprido, saísse deturpado das mãos de pedreiros analphabetos (tratados um pouco injusta e rudemente de idiotas por Frei Luis de Sousa), e passasse a ser *grego* para os ouvidos e os entendimentos dos posteros!

³⁴ Uma *tenaz* não é imagem mais banal do que uma madeixa, umas balanças, uma grade, uma tartaruga, umas noras, um circulo, uma espada, um foguete, um mergulhão, uma cobra, um cão dormente, um pé de alcaçuz, uma videira, uma rosa, um cardo—objectos, animaes e plantas que figuram em empresas muito gabadas.

³⁵ Nesta devisa collaboraram tres cortesãos: Jeronymo Cortereal, D. João de Mafra e outro, cujo nome me esquece.

³⁶ Não faltou quem combinasse as duas ideias da esperança e ambiciosa perseverança em um só Mote, dizendo: *J'espère—j'aspire*.

³⁷ Na boca do povo temos varios proverbios relativos á tenacidade: *A perseverança tudo alcança—Quem porfia, mata caça—Porfia mata veado*.

* * *

Falta dizermos duas palavras sobre as restantes inscrições das Capellas imperfeitas. No topo da magestosa *portada das tanazes*, ha uma muito mal legivel por causa da altura em que fica e da pouca luz que recebe, mettida como está entre os cordões segundo e terceiro, nuns taboleiros em forma de losangos, á direita e á esquerda e sobre o cume do arco reentrante. D. Frei Francisco de São Luis, o unico escriptor que reparou nella, lendo *pantes taray* ou *pante taray* tem-na em conta de grega, mas diversa do *tanyas erey*, a cuja tenção “responde.”³⁸ Está claro que não a traduz, nem indica qual a sua significação.

Embora a homophonia, evidentemente fortuita, evoque na minha memoria a famosa maxima positivamente grega de Heraclito, o Escuro, de Epheso—aquelle *panta rei=tudo se move, tudo fluctua de incerto e inconstante*, que tanto se presta a ser considerado como resposta ironica de um eco intelligente ás vans aspirações de tenacidade de D. Manuel—estou de fé que os dez a doze caracteres, em gothico minuscuro, desenhados exactamente como o *tanaz ferey*, repartidos como elle em duas metades, e como elle cercados de heras, e pertencentes á decoração do mesmo portico, não são outra coisa do que variantes d’essa devisa,³⁹ ainda mais adulteradas do que as duzentas e quatro repetições entalhadas nos cordões a que dão remate.⁴⁰

Independente d’ellas e collocada nas duas portas baixas e lateraes do atrio, que ostentam a inscrição *Perfectum fuit anno 1509*⁴¹ e a Cruz de Christo, existe entre duas Esferas Armillares a le-tra *E*, emoldurada num arabesco muito parecido a um *C* em cuja ponta estivesse um *y*-grego,⁴² ou segundo outros, os tres caracteres *C E y*. Juntas essas não perfazem dicção alguma, ficando expostas, como meras iniciaes ou symbolos numeraes, a quantas interpretações os adivinhadores lhes queiram applicar. O historiador de S. Domingos acredita na identidade da sigla mysteriosa com o ambiguo *Ei*, inscripto no templo apollineo de Delphos, que tanto deu que fazer aos sabios antigos,⁴³ tradu-la por *tu és*, e reconhece nesta affirmacão a resposta philosophica e profunda del Rei ao Senhor que o mandava descobrir novos mares e novas terras.

Outros veem no *E* simples abreviatura de *Emanuel* (e *Manuel Rei* no *M R* coroadado das pilastras do segundo andar), interpretação que approvo e aceito.⁴⁴

³⁸ O que distingo na inscrição que fica á esquerda, é o seguinte: *pante*, no primeiro circulo, com um *p* duvidoso, que tambem pode ser *b* ou *t*; no segundo, *taray*; a letra que fica no centro, no oval estreito formado pelo cruzamento das duas capellas de *hera*, pode ser *l*, *t*, ou *f*. Já pensei na variante *tanaz estarei*.

³⁹ O facto de Frei Luis de Sousa não lhes haver dedicado nenhuma parcella do seu extenso commentario, attesta que elle considerava os tres accrescentos, como meras variantes de *tanyas erey*.

⁴⁰ Entre as devisas adulteradas que conheço citarei apenas as inintelligiveis no *Siervo Libre de Amor* de Juan Rodriguez del Padron: *Seule y deblatey* e *Espe yr me nec sonle mente*.

⁴¹ Com abreviaturas e variantes; uma vez em caracteres gothicos minusculos, *anno dni.*; a outra vez em caracteres romanos.

⁴² Este *y*-grego é, pelo desenho, muito duvidoso.

⁴³ Plutarco dedicou-lhe um livro inteiro. *Oeuvres mêlées de Plutarque* traduites du Grec par Jacques Amyot, Paris 1786. Vol. II p. 27—63.

⁴⁴ Em geral *E. I. C.* significa *Espera in Christo*.

AS ESTAMPAS

Numa das *Notas* ao Texto já ficou dicto que os desenhos são devidos á habil penna do sr. professor Antonio Augusto Gonçalves, de Coimbra; e os decalcos, feitos sobre a pedra, aos cuidados de meu marido, Joaquim de Vasconcellos.

EIS A DESCRIÇÃO, RESUMIDA:

1.^a) Porta, ou antes Portico exterior das Capellas Imperfeitas para quem vem do atrio. Está aberto no grande massiço de cantaria que occulta no seu interior as duas escadas de ingresso ao andar superior das Capellas, escadas que desembocam na *Loggia* de estylo Renascença, e se denunciam pelos tambores. — O portico é duplo, e tem, além da face externa que vemos na estampa, outra interna igualmente bella, que não reproduzimos todavia, porque é vulgarmente conhecida e não contém nenhuma inscripção, nem letra, nem enygma.

A face externa compõe-se de arcarias polycentricas que vão diminuindo successivamente em grandeza. Temos duas ascendentes, terminando em quilha (*dos d'âne*) a que correspondem duas descendentes, de córte trilobular, seguidas de mais quatro, talhadas em cinco lobulos. O cruzamento das linhas dos lobulos, vendo-se através das ultimas curvas externas as cortinas extremas do portico interior, produz um efeito de perspectiva, um movimento por assim dizer rhythmico de linhas e de formas plasticas, ondulações caprichosas de um *scherzo* monumental. Brincou-se com o calcareo; fez-se da pedra uma renda e da renda uns cordões de filigrana — *cordões* é o nome que o chronista Frei Luis de Sousa emprega — dos quaes bastaria um só para provar a pericia incomparavel dos lavrantes. Mas elles não se contentaram com deslumbrar por uma factura, nem antes nem depois excedida. Envolvendo em laços significativos, letras que não comprehendiam, erraram e apresentaram aos posterios os enygmas que tentei decifrar.

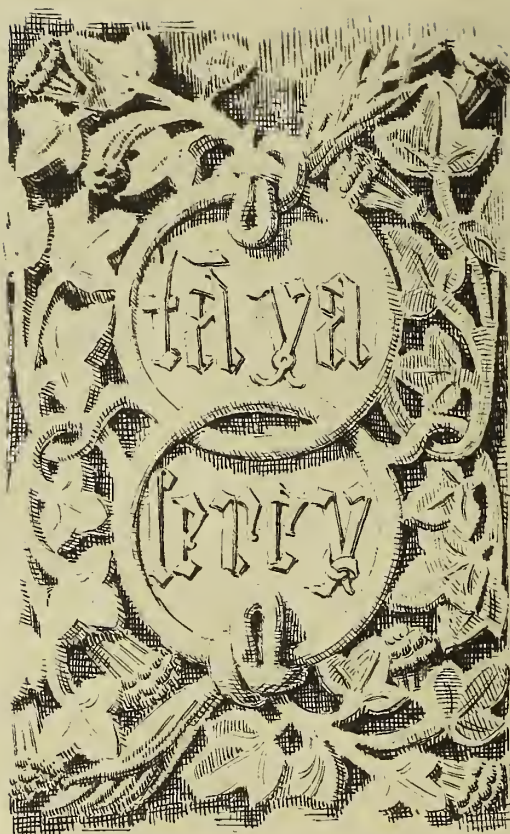
2.^a e 3.^a) Dois desenhos á penna do snr. professor Gonçalves. Dentro de dois circulos enlaçados, com folhagem de hera e corymbos das respectivas flôres, lê-se: em a) o distico *tāya ferey*; em b) *tayaf erey*. — Os modelos estão na parte inferior do primeiro cordão (exterior) á esquerda do espectador.

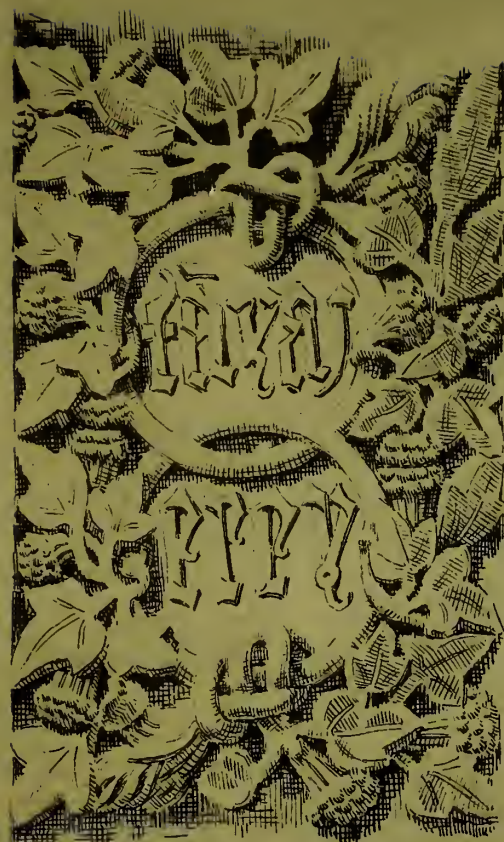
4.^a e 5.^a) Outros dois desenhos á penna, do mesmo artista: a.) *erey tāyaf*, dentro de lavor identico; b.) dois circulos que apenas se tocam na circumferencia; o emblema vegetal é o mesmo. Não ha todavia letras: o campo está vazio, por excepção. O leitor achará facilmente o lugar onde se encontra o modelo, olhando á esquerda, para as duas hastes quebradas e entrelaçadas que orlam a quarta arcada do portico; o modelo está no angulo do trilobulo.

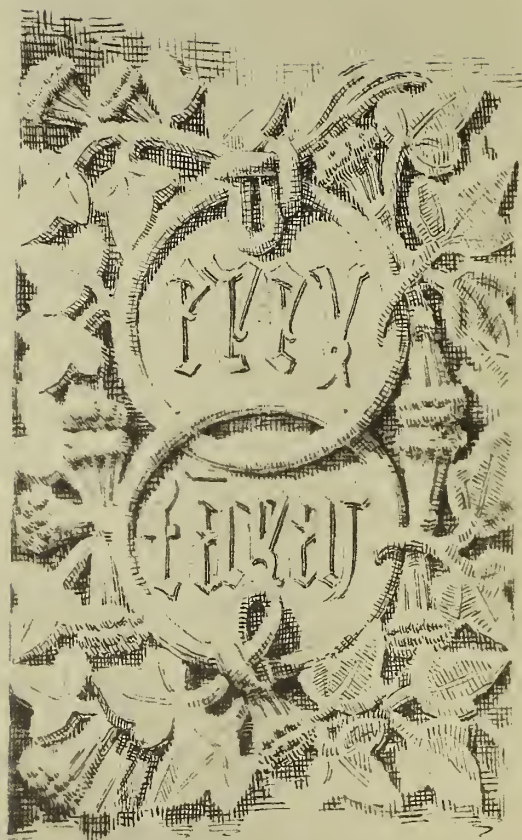
No texto já deixei dicto que entre as 204 repetições da *Empresa da Tanaz* havia, de resto, algumas mudas, certamente por descuido (ou capricho?) dos alveneis, que apresentam variantes tambem no desenho das *letras* e no da *Tanaz*.

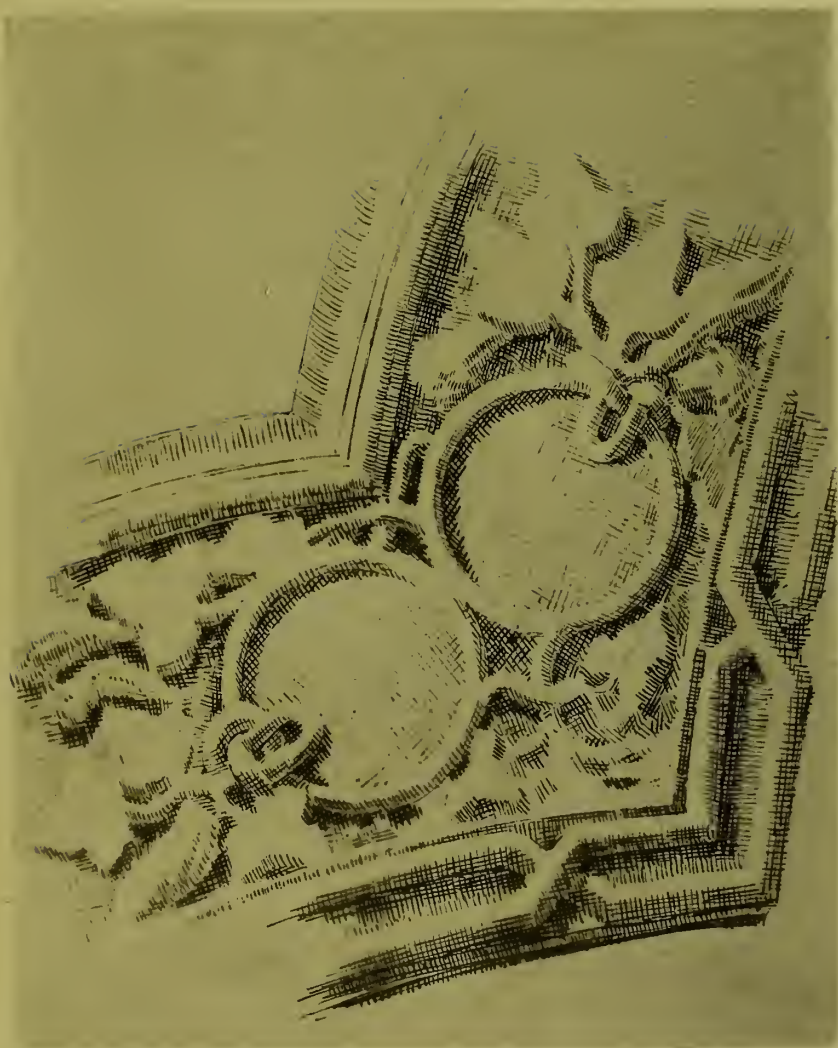
6.^a e 7.^a) Quatro decalcos que correspondem, em tamanho natural, aos disticos da Estampa 2.^a e 3.^a. A escala indica as dimensões. Foram retocados apenas nas sombras. A *Tanaz* reconhece-se melhor no decalco A.

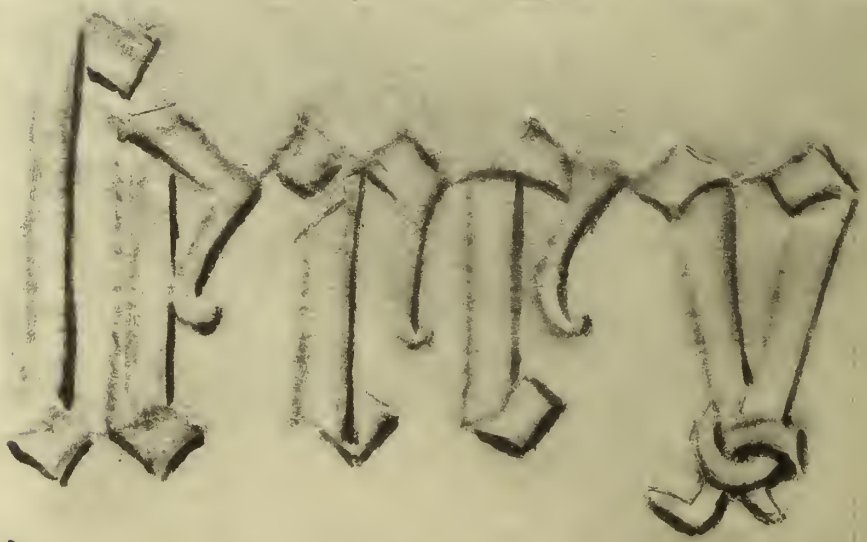
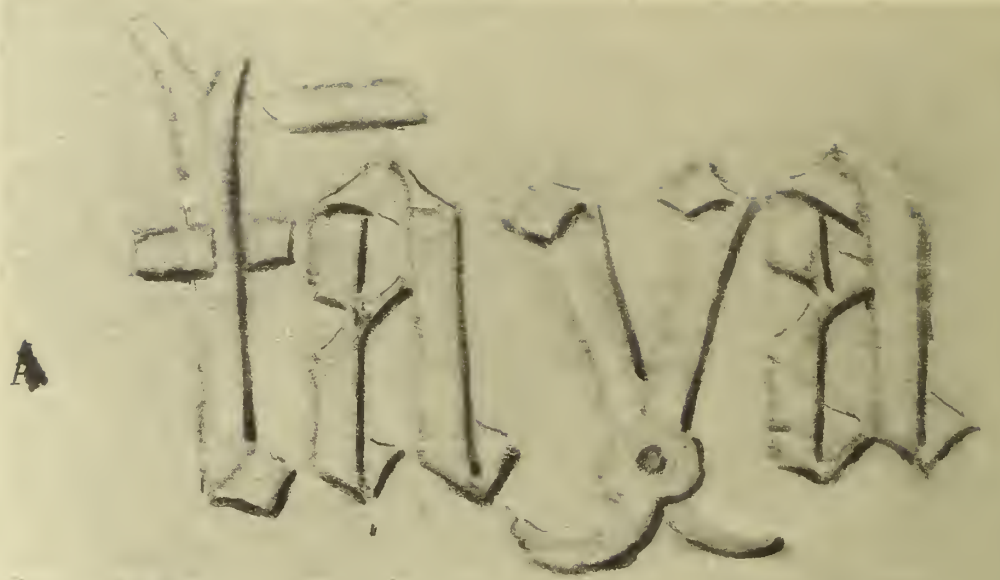






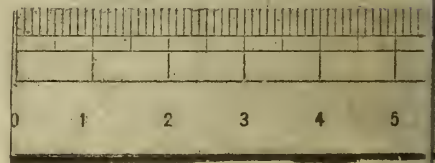






17
B

17



C

金銀

D

銀金





GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00028 4246

NO PRÉLO:

MOSTEIRO DA BATALHA

Os projectos de Restauração das Capellas Imperfeitas,
por Joaquim de Vasconcellos.

(Murphy 1795—Haupt 1895).

DO MESMO AUCTOR:

A BATALHA. Convento de Santa Mária da Victoria. Ensaio historico e archeologico; com 16 estampas, publicado na obra: **A Arte e a Natureza em Portugal**, n.^{os} 49, 50, 52 e 54. Porto, 1905. Emilio Biel & C.^a, editores.